

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO**

**GISELE BEZERRA**

**MARCAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL, NA VIDA ADULTA**

**CURITIBA**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS  
CURSO DE PÓS GRADUAÇÃO**

**GISELE BEZERRA**

**MARCAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA VIDA ADULTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Pós-Graduação em Enfrentamento da Violência contra criança e adolescente, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Orientador: Prof.<sup>a</sup> Ms. Vera Lucia Rodrigues

**Curitiba  
2009**

**GISELE BEZERRA**

**MARCAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA VIDA ADULTA**

Artigo Científico, apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Enfrentamento da Violência contra criança e adolescente, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

---

---

Curitiba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009.

Aos meus pais e irmãos,  
companheiros de todas  
as horas.

E em especial a “Tatiana” que  
confiou no meu trabalho  
permitindo que a sua história  
venha a tornar-se uma reflexão.

# MARCAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA VIDA ADULTA

Gisele Bezerra \*

## RESUMO

Todas as pessoas que sofreram abuso sexual na infância ou adolescência carregam sequelas psicológica por toda vida e em diferentes graus. Este artigo teve como objetivo apontar a importância de um atendimento adequado às vítimas de violência sexual não só de forma emergencial, mas que tenha em sua prática o intuito de interromper o ciclo de violência intrafamiliar. Foi realizado estudo de caso com uma vítima de violência sexual intrafamiliar que atualmente realiza atendimento ambulatorial em saúde mental, descrevendo a violência sofrida pela mesma, sendo verificado que os dados levantados afirmam a relação entre violência sexual na infância e o desenvolvimento de problemas comportamentais na idade adulta.

**Palavras-chaves: Violência Sexual; Crianças; Adolescentes.**

---

\*Assistente Social, da Prefeitura Municipal de Birigui; tutora do curso de graduação em Serviço Social da Universidade Anhanguera – UNIDERP Interativa, Polo Promissão – SP, e-mail: [giselle\\_435@hotmail.com](mailto:giselle_435@hotmail.com).

## **ABSTRACT**

All persons who have been sexually abused in childhood or adolescence carry psychological consequences for all life and to different degrees. This article aims to highlight the importance of proper medical care for victims of sexual violence not only in an emergency, but that takes practice to interrupt the cycle of violence. We carried out a case study with a victim of sexual violence within the family that currently performs outpatient mental health, describing the violence suffered by it and is satisfied that the data affirm the relationship between sexual violence in childhood and the development of behavioral problems in adulthood.

**Keywords: Sexual Violence; Children; Adolescents.**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL BRASILEIRA.....</b>	<b>08</b>
<b>3 O CICLO VICIOSO DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....</b>	<b>10</b>
<b>4 CONSEQUÊNCIA DA VIOLÊNCIA SEXUAL.....</b>	<b>12</b>
<b>5 MÉTODO.....</b>	<b>13</b>
<b>6 RESULTADO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A violência faz parte da trajetória humana. Desde a pré-história, os homens mostram-se agressivos. Entretanto, o comportamento violento vem aumentando e se adaptando as mudanças culturais, sociais e legais da sociedade atual. Diversos tipos de violência se expressam associadamente e interligadas as várias expressões provindas do sistema social, relacionadas nas formas de violência resultantes das relações interpessoais. Outras formas de violência também estão ligadas às questões econômicas entre populações mais pobres, igualmente afetadas pelo exacerbado apelo ao consumo e ao atual sistema de acumulação capitalista.

Os estudos sobre o assunto ainda se encontram em processo de construção, seja em função da complexidade do tema, seja pelas pesquisas com resultados ainda recentes. Contudo podemos verificar que na sociedade antiga comumente a criança era vista pelos pais como objeto ou propriedade, o que permitia o uso da violência física como forma de disciplinamento infantil.

Este tipo de violência era tão freqüente, quanto o assassinato de crianças pelos mesmos – infanticídio – estes por sua vez não eram punidos, pois tinham a seu favor o aval da sociedade antiga.

Com o passar do tempo, essa prática foi sendo abolida pela sociedade, resultando em sanções para os agressores. Mas foi somente a partir do século XIX, que a criança passou a possuir valores dentro da família.

Mesmo atualmente e com diversas legislações que garantem a proteção aos direitos das crianças, elas ainda sofrem com a violência praticada muitas vezes por quem deveria protegê-las – seus pais.

O presente artigo trata de uma violência que na maioria das vezes não deixa marcas visíveis, mas profundas - a violência sexual infantil.

As conseqüências da violência sexual para a criança são múltiplas, seus efeitos físicos e psicológicos se apresentam de diferentes maneiras e graus, algumas vítimas parecem sofrer conseqüências mínimas, outras, porém sofrem graves problemas sociais e psiquiátricos ao longo de sua existência.

No Brasil, país em que apenas recentemente se iniciou uma conscientização a este respeito, agrega-se a violência sexual infantil, características de uma sociedade historicamente determinista, excludente e desigual.

O estudo das histórias de adultos vitimizados, quando crianças, permitiu perceber que cada sujeito possui um jeito peculiar de lidar com o abuso, dada a sua construção subjetiva e o apoio recebido na época do abuso.

Diante desta constatação, se faz necessário uma conscientização para novas práticas voltadas ao atendimento à criança vítima de violência sexual, como significativa contribuição científica para minimização dos efeitos desse tipo de violência para as próximas gerações.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL BRASILEIRA**

A agressão física em crianças é uma das práticas mais comuns em nossa sociedade. Os lares aparecem como o cenário predileto para tal prática. Os abusos sexuais infantis estão entre os mais frequentes no ambiente familiar, e poucos casos chegam a ser denunciados.

O próprio Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE (1989) reafirma a infância e a adolescência brasileiras como períodos propícios à violência, e aponta o domicílio como local freqüente para a ocorrência de agressões físicas nestas idades. Dados de 1988 mostram que cerca de 200.000 crianças e adolescentes declararam terem sofrido agressão física, de o total de 1 milhão de queixosos. Em 80% dos casos, os agressores infanto-juvenis eram parentes e conhecidos. Entre as meninas, a agressão se deu na própria residência em 35% dos casos, enquanto nos meninos, em 19% (FUNDAÇÃO INSTITUTO...,1989)

A família tem influência no silêncio da criança por controlar comportamento da mesma, na medida em que são responsáveis pela sua educação. Além dos problemas familiares, distúrbios psicológicos e de comportamento estão entre os efeitos diligentes nas crianças vítimas de violência sexual.

Para a vítima o ato sexual abusivo pode trazer diversas conseqüências, como lesão grave, morte e de caráter psicológico, sendo essa em sua maioria mais importante do que as sequelas físicas.

Em estudo realizado junto a Promotoria Especializada na Infância e Juventude de Porto Alegre em 2005, aponta para um perfil da vítima de abuso sexual na vida adulta, algumas características pessoais consideradas como positivas e negativas das vítimas de violência sexual. São algumas características positivas interesse da vítima pelos estudos (29,4%), capacidade em se comunicar (19,1%), aparência física limpa e agradável (11,8%) e afetividade (8,8%). Por outro lado características pessoais negativas superam as positivas tais como: distúrbios do desenvolvimento (16,2%), afeto/vínculos negativos (10,3%), aparência física carente de cuidados (7,4%), falta de limites (4,4%) e agressividade (4,4%).

O uso de bebida alcoólica e de outras drogas pelas vítimas foi outro fator indicado. Entre as drogas utilizadas, as mais freqüentes foram maconha (27,3%) e cola (18,2%). O cigarro também foi citado, além de substâncias químicas ingeridas como tentativa de suicídio ou como tentativa de evitar gravidez ou provocar aborto. Os problemas identificados em alguns casos foram os mentais e psicológicos (33,3%), problemas respiratórios (27,8%), problemas decorrentes de negligência com a higiene (16,7%), problemas viróticos ou bacteriológicos (11,1%), HIV (11,1%) e congênitos (11,1%). Estes resultados corroboram os estudos sobre o impacto negativo do abuso sexual para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social de crianças e de adolescentes. As vítimas freqüentemente desenvolvem sintomas psiquiátricos, bem como apresentam alterações comportamentais que incluem delinquência e drogadição (Cohen & cols., 2001; Edwards, Anda, Nordenberg, Felitti, Williamson & Wright, 2001; Rouyer, 1997).

Sendo assim, é de grande importância científica e social um estudo que compreenda as conseqüências do abuso sexual, para as crianças, para que possamos criar novas formas de intervenção junto às vítimas, bem como a realização de trabalhos preventivos.

### 3 O CICLO VICIOSO DA VIOLÊNCIA SEXUAL

Segundo Cohen e Fígaro (1996), a relação sexual é um tipo particular de relação social e possuem limites individuais e sociais. Entende-se que a sexualidade implica na escolha de outra pessoa como objeto sexual, sendo que ambas buscam o prazer. Nos casos de perversão ou abuso sexual, a relação acontece de forma interpessoal, no qual o ato sexual acontece sem a permissão da outra pessoa, através do uso ou não de violência física ou psicológica.

Quando se trata de violência sexual contra criança, esta é considerada como crime independente de marcas físicas evidentes, presumindo a fragilidade física e emocional da vítima para impedir o ato sexual.

Silva (1999) refere que a violência sexual é caracterizada pelo processo onde um ou mais adultos homo ou heterossexuais são responsáveis por envolver crianças ou adolescentes em práticas eróticas com a intenção de estimulá-las sexualmente ou utilizá-las na obtenção de satisfação sexual. Estes adultos podem ser o pai, padrasto, irmão, amigo ou desconhecido.

De acordo com Miller (1997), toda criança procura contato amoroso, entretanto fica insegura e confusa se lhe forem despertadas sensações que não correspondem com seu estágio de desenvolvimento, quando isso ocorre seu crescimento vital se torna totalmente comprometido.

O trauma do abuso sexual, com intrusão violenta no corpo e na mente da criança, pode ser ligado imediatamente à ruptura do desenvolvimento cognitivo e emocional, dando lugar a distúrbio grave e, em casos mais extremos, a estados psicóticos. (MILLER, 2000, p. 710)

No caso da violência sexual praticada pelo pai, ou por qualquer outro membro da família, o vínculo familiar fica seriamente comprometido.

Este tipo de crime envolve poder, controle e humilhação, a sempre uma relação estabelecida de poder desigual, onde o adulto impõe a sua vontade. Ballier (1997), afirma que, no desenvolvimento de pacientes que cometem ato sexual, existiram dificuldades de identificação com um modelo adulto de comportamento sexual. Ou seja, a violência sexual aumentará as chances do surgimento de efeitos

prejudiciais á saúde física e mental da criança. Aumentando a probabilidade de o comportamento futuro ser influenciado por este ato.

Neste sentido, Esber (2005), afirma que medidas estritamente punitivas, são insuficientes para impedir reincidências. Grande parte dos indivíduos que cometeram agressão sexual, se não acompanhados por um tratamento terapêutico, cumpriram sua pena, saíram da prisão e continuarão a realizar a mesma prática, o que gera uma situação repetitiva. O mesmo se aplica as crianças vítimas de violência sexual que não receberem tratamento adequado, quando adultos causaram a violência sofrida a outras crianças.

Algumas pesquisas dizem que muitos dos abusadores sexuais foram vítimas de abuso sexual quando crianças, e que, a cada oito crianças abusadas, uma repetirá o comportamento na idade adulta. Segundo Ray Wyre (1996, citado por Sanderson, 2005, p. 55), "para entender porque algumas vítimas passam a praticar abusos, é preciso prestar atenção ao tipo de abusador, à relação formada com a criança e à experiência da criança com o abuso".

Miller (1997) revela que muitas pessoas repetem, com outras, as atrocidades que receberam, pois não conseguem vivenciar, de forma consciente, os males que lhes foram imputados na infância. Produzindo assim, um ciclo vicioso.

A partir do momento em que a pessoa conseguir vivenciar a sua história, de forma mais segura, terá menos necessidade de manipular os outros. Nesse sentido, pessoas que descobriram seu passado e aprenderam com os seus sentimentos a pesquisar seus verdadeiros motivos, não estão mais pressionadas a transferir seu ódio a outras crianças.

O atendimento terapêutico deverá visar à diminuição das sequelas do abuso e melhorar suas formas de enfrentamento. O processo deverá englobar etapas com objetivos específicos, tais como: preparação para facilitar a auto-exposição; revelação do abuso e exposição de sentimento; aceitação do abuso de forma que não se sinta responsável por ele e ações que previnam possíveis reincidências.

Por meio do atendimento terapêutico adequado, o indivíduo terá a possibilidade de reconstruir pensamentos, sentimentos e impressões a respeito da violência cometida. A violência, portanto, deve ser considerado um fenômeno relacional, e não individual, segundo Esber (2005, p. 75).

## 4 CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA SEXUAL

A seqüela física é apenas uma das conseqüências entre as diversas conseqüências que a violência sexual causa em suas vítimas. Os crimes sexuais constituem também em agressões psicológicas, principalmente quando se trata de vítima infantil. Isto porque no desenvolvimento infantil acontecem muitas mudanças em pouco tempo. Os efeitos desta violência podem refletir não só em seu desenvolvimento infantil, como também permear pela vida adulta.

Podemos listar como conseqüência psicológica da violência sexual as dificuldades de adaptação sexual, interpessoal, afetiva, além de idéias suicidas. Observando o comportamento infantil podemos verificar a presença de hostilidade, baixa auto-estima, agressividade, depressão, distúrbios relacionados a sexualidade, déficit cognitivo, atrasos de linguagem, hiperatividade, distúrbios mentais, abuso de álcool, drogas e tendência a se tornarem delinqüentes quando adultos. Em alguns casos a criança torna-se uma pessoa passiva, incapaz de se auto proteger permitindo que os outros possam explorá-las com facilidade.

os sintomas apresentados a curto prazo são o comportamento sexualizado, ansiedade, medos, pesadelos, depressão, isolamento social, queixas somáticas, fugas de casa, Transtorno de Estresse Pós-Traumático, comportamentos autodestrutivos, problemas escolares, pensamentos suicidas e comportamentos regressivos como enurese, choros e birra. (WILLIAMS, 2002 p.20)

Os sintomas podem desaparecer, com o passar do tempo, desde que a criança receba um tratamento qualificado, voltado tanto para as seqüelas físicas quanto psicológicas.

Percebe-se então que os efeitos psicológicos gerados pela violência sexual são muitos e podem ocorrer de diversas formas e em vários estágios da vida do individuo. Crianças vítimas de violência sexual podem sofrer as conseqüências da agressão por toda vida se não passarem por um tratamento adequado.

## **5 MÉTODO**

### **Participante**

Este estudo foi realizado com uma vítima de violência sexual, que realiza tratamento especializado no Ambulatório de Saúde Mental. A vítima a Sra. Tatiana (nome fictício) tem vinte e oito anos de idade, do lar, estudou até a sexta série do ensino fundamental e foi abusada pelo seu pai por cinco anos ( 6 aos 11 anos de idade).

### **Material**

Foi utilizada uma sala mobiliada com uma mesa e duas cadeiras, e uso de um gravador.

### **Procedimento**

Inicialmente, foi feito a proposta de atendimento a Sra Tatiana, onde foi explicada a importância da sua participação para a pesquisa, bem como, garantido o sigilo profissional.

Os atendimentos foram iniciados em agosto de 2009, sendo finalizados em outubro de 2009. Foram realizados 03 atendimentos, com encontros mensais de aproximadamente uma hora e meia cada.

## **6 RESULTADO E DISCUSSÃO**

Os primeiros atendimentos foram sobre a história familiar, Tatiana menciona que o pai sempre foi ausente, pois o mesmo tinha outra família, embora morasse e

fosse casado com a sua mãe. Tatiana também não possuía vínculo afetivo com a mãe, a mesma dizia que ela se parecia muito com o pai. Tatiana acredita que essa semelhança era a causadora da distância entre elas. “ Talvez, ela não quisesse lembrar-se do meu pai “ (sic). Segundo Tatiana as brigas entre os pais eram frequentes e sempre violentas, “ Uma vez minha mãe foi parar no pronto-socorro, com o braço quebrado. “ (sic). Quando isso acontecia o pai saía de casa e ficava dias fora, mas sempre a mãe ia buscá-lo, dizendo que não sabia viver sem ele. Os vizinhos sempre viam a mãe machucada, mas ninguém nunca se metia, sempre ouvia as vizinhas dizendo que em “ briga de marido e mulher ninguém mete a colher. (ri)” (sic)

Aos cinco anos de idade a mãe de Tatiana começou a trabalhar em uma sorveteria e Tatiana ficava com seu pai durante a noite. Nesse período as brigas eram ainda piores não entendia porque o pai reclamava tanto, sempre acusando a mãe de não estar dando a atenção que ele merecia não estar cuidando direito da casa e do marido. Foi nesta época que o pai começou a demonstrar carinho por Tatiana – “Vivia pedindo beijo e acariciando meus cabelos”, segundo Tatiana até gostava, pois achava que o pai estava apenas demonstrando carinho por ela.

Quando completou seis anos, Tatiana pediu uma festinha de aniversário, a mãe recusou disse que não tinha dinheiro, neste dia Tatiana ficou muito triste e foi dormir chorando, quando estava na sua cama seu pai, entrou no quarto e deitou-se ao seu lado, disse que ia tentar dar um jeito, e que poderia esperar que teria a festinha que tanto queria. Tatiana lembra que sentiu uma mistura de medo e ao mesmo tempo de felicidade, e deu um beijo no pai, o mesmo virou o rosto e acabou acertando em sua boca, na época achou que foi um acidente, mas o olhar que o pai lançou sobre ela a assustou.

Perguntei sobre a festa: Tatiana disse que teve um bolinho com guaraná e que pode chamar alguns coleguinhas da escola, lembra que ficou feliz pela festa. Tatiana também se recorda que o pai bebeu bastante naquela noite e acabou tendo

uma briga feia com a mãe. Neste dia a mãe de Tatiana não dormiu em casa e foi aí que começaram os aliciamentos. Ela estava tomando banho e seu pai entrou no banheiro e ficou olhando para ela, e fez alguns comentários que não se recorda tipo “ Que bundinha linda..., ou coisa parecida. (sic)”

Logo após um mês a contar desta data, Tatiana foi abusada sexualmente pelo seu pai o Sr. Paulo (nome fictício). Na noite do abuso o pai de Tatiana estava bêbado e começou a gritar com ela, chamá-la de vagabunda. Disse que Tatiana ia ser uma vagabunda igual à mãe, e que ele não ia criar outra mulher para outro homem “comer” e depois e fazê-lo de otário, pegou Tatiana pelos cabelos jogou-a no chão tirou sua roupa e a estuprou.

Por meio do relato de Tatiana podemos perceber além da violência sexual, também violência física e psicológica. Provavelmente, a criança terá seu desenvolvimento comprometido quando é vista como propriedade com a qual o adulto tenta atingir algum objetivo (Miller, 1997). Assim, pôde-se perceber que as experiências de violência física, sexual e psicológica pelas qual Tatiana passou influenciaram e influenciam negativamente seu comportamento.

Após esse dia, Tatiana contou para mãe o ocorrido, mas a mesma não acreditou, disse que o pai estava nervoso e bêbado, e que não seria capaz de machucá-la. Mesmo Tatiana contando, a mãe ainda deu surra nela que a deixou marcada por dias, “Putz, fiquei me sentindo um lixo, não pela surra, mas por ela não querer me ajudar” (sic)

A mãe freqüentemente sabe, ou pressente o que ocorre, mas não faz nada por medo ou por não acreditar que aquilo possa ocorrer. A criança freqüentemente tenta falar com a mãe, mas ela não acredita. É comum buscar tratamento psicológico para a criança, que em razão do que ocorre, apresenta distúrbios do comportamento como, manifestações de erotização precoce, introversão, depressão, ansiedade, mau aproveitamento escolar. É comum um adulto abusado sexualmente na infância, lamentar-se porque a sua mãe não o escutou. (FILHO, <http://www.abrapia.org.br/artigo/textos/Artigos/Abuso.htm> )

Segundo Tatiana, mesmo a mãe sabendo do abuso, continuou sua rotina diária, ou seja, saía todas as noites para trabalhar e a deixava com o pai, que passou a abusá-la diariamente. Sempre a ameaçando-a e a chamando de vagabunda, dizendo que não adiantava contar pra mãe, pois a mãe preferia mais ele a ela.

Quando questionada com relação à escola, Tatiana disse que sempre tirou nota baixa, não prestava a atenção nas aulas, e a mãe sempre foi chamada a comparecer na escola devido ao seu comportamento agressivo, falta de atenção, e péssimas notas. Mas a mãe nunca compareceu as reuniões escolares e nem mesmo nas convocações. E a escola nada fez a respeito.

Os abusos só cessaram porque a mãe de Tatiana conheceu outro homem e foi embora com ele, nesta época a avó materna de Tatiana a levou para morar com ela. Porém o pai sempre ia buscá-la para passar os finais de semana com ele, e o abuso continuava. Até que um dia a professora chamou a avó para uma conversa, disse que Tatiana estava sempre se trancando no banheiro com os outros meninos, e falava muitos palavrões e coisas sobre sexo. “Nossa... a minha avó chegou em casa e me deu uma surra daquelas (suspirou), depois da surra me perguntou onde eu havia aprendido aquelas coisas, ai, bem... eu contei a ela (suspiro), ela me abraçou e começou a chorar. – nunca mais fui pra casa do meu pai, também nunca mais vi minha mãe” (sic)

Tatiana conta que não teve uma infância tranquila, mas que a adolescência foi um tanto pior. Quando tinha 16 anos arrumou o seu primeiro namorado, namorou por dois anos e sempre “quando ele queria alguma coisa eu me afastava, eu morria de medo achava que ele ia me bater sei lá muito estranho...” (sic). Conta que terminou o relacionamento e quando arrumou outro namorado foi à mesma coisa, seus namoros sempre foram superficiais, sentia muita vontade de praticar sexo, mas tinha medo, insegurança e pavor.

Já tentou suicídio várias vezes, cortou os pulsos por duas vezes, tentou cortar o pescoço e se jogou na frente de um carro. Tem varia tatuagem pelo corpo e segundo Tatiana gosta de sentir dor, assim esquece a dor que carrega no coração. Relata que no momento das tentativas de suicídio, teve alucinações via sempre o seu pai a chamando de vagabunda e dizendo que ela seria infeliz. “Às vezes também via meu rosto distorcido “ (sic).

Aos 20 anos começou a trabalhar de doméstica para uma estudante de psicologia, e que a mesma conversava muito com ela. Foi quando Tatiana contou o que havia acontecido, a estudante orientou Tatiana e procurar ajuda e foi ai que ela começou a fazer tratamento. Hoje Tatiana disse que esta melhor, se casou e esta esperando seu primeiro filho, perdoou a mãe, mas o seu pai não. Não tem um bom relacionamento com o marido, “Ele é um homem bom, compreensivo ate de mais, às vezes ponho ele pra dormir no chão, sinto nojo, e quando estamos na cama sinto o cheiro do meu pai”. “Morro de medo de ter uma menina, não quero que ela passe pelo que eu passei “(sic).

A aversão ao sexo, dificuldade de relacionamento, tentativa de suicídio, alucinações, são comportamentos de uma vítima que não recebeu atendimento correto na época do abuso, encontrando apoios apenas longos anos depois.

O seu pai não foi preso e não respondeu pelo crime, pois ninguém o denunciou. “Agora não adianta mais, como vou provar o que ele fez, e também não quero mais mexer com isso, quero ser feliz com meu marido e meu filho, e isso basta.” (sic)

Outra consequência da falta de atendimento é que o abusador continua impune e provavelmente abusando de outras crianças.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo verificar a importância do atendimento especializado as crianças vítimas de violência sexual, visto que os problemas não cessam ao se tornarem adultos, muito pelo contrário eles se complicam e envolvem cada vez mais pessoas. Verificamos que os dados levantados afirmam a relação entre violência sexual na infância e o desenvolvimento de problemas comportamentais na idade adulta.

Dentre as consequências mais comuns, verifica-se a presença de idéias suicidas, distúrbio sexual e relacionamentos sociais, além da dificuldade de denunciar o agressor. As profissionais entrevistadas alegam que quando a denuncia ocorre o agressor é punido e a vítima começa a receber acompanhamento tanto psicológico, social e psiquiátrico, mas se não houver a denuncia essa rede de proteção não acontece.

Quando a criança fica desamparada ela está mais susceptível a se tornar um agressor ou cometer suicídio, daí a importância das escolas, postos de saúde e outros órgãos relacionados a crianças aprender a diagnosticar possíveis casos de violência infantil.

O objetivo de recontar a história da violência sofrida é compreender que todo esse sofrimento poderia ter sido evitado, se a mãe tivesse acreditado na criança, se a escola tivesse tomado as devidas providências, se os vizinhos tivessem dado atenção às brigas do casal, e se a avó tivesse denunciado o agressor. Essas são falhas cometidas por vários órgãos que levaram a uma criança a ficar por anos sendo abusada sexualmente e permitiu que um agressor ficasse impune. Assim, trata-se de um passado que ainda se faz presente nos dias atuais. Quantas Tatianas não temos por ai a fora?

Franco (1993) aponta uma primeira dificuldade ao lidar com a violência, é o seu reconhecimento. Segundo o autor uma sociedade só esboça uma reação frente ao problema quando o identifica e quando conhece sua magnitude, sua dinâmica, o perfil das vítimas e dos agressores, e o que cada instituição e segmento da

sociedade pode fazer. O reconhecimento da violência é o passo primordial da prevenção.

Outra dificuldade é referente ao comportamento humano. Desenvolver a consciência com enfoque educativo. Temos exemplos que foram eficazes na modificação de certas atitudes, como por exemplo, a utilização de cintos de segurança, e o crescente número de notificações de casos de violência doméstica, deixando de ser vista apenas como um problema do espaço circunscrito do lar. Embora ainda esteja muito longe de transformações mais profundas nos comportamentos humanos.

A necessidade de posse, de poder aliados a carência afetiva são campos propícios para o surgimento da violência.

O conhecimento que hoje temos sobre a violência nada mais é do que fruto do sofrimento de homens, mulheres e crianças, relatados nos documentos históricos. As teorias científicas da atualidade (sociais, biológicas, psicológicas) que procuram definir as causas da violência não conseguem explicar o fenômeno. A interdisciplinaridade, no enfrentamento do problema, é a descoberta mais importante, juntamente com a participação de toda a sociedade, indiscriminadamente, para se alcançar medidas preventivas eficazes. A prevenção e a reabilitação dos mais diversos tipos de violência, em todos os níveis, devem ocupar posição privilegiada na saúde pública.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. **A Violência Doméstica na Infância e Adolescência**. São Paulo: Robe, 1995.

ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência), 1994. *Jornal da ABRAPIA*, Rio de Janeiro, ano III, nº 11.

ASSIS, Simone G. de. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Nov. 2009.

AZEVEDO, Maria Amélia.; GUERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Pele de Asno não É só História... Um Estudo sobre a Vitimização Sexual de Crianças e Adolescentes em Família**. São Paulo: Roca, 1988.

BALIER, Clauder. Psicopatologia dos Autores de Delitos Sexuais contra Crianças. In: Gabel, Marceline. (org.). **Crianças Vítimas de Abuso Sexual**. São Paulo: Summus, 1997, pp. 114-119.

COHEN, Claudio.; FIGARO - GARCIA, Claudia. Crimes Relativos ao Abuso Sexual. In: Cohen, Claudio.; Segre, Marco.; Ferraz, Flavio Roberto Carvalho. (orgs.). **Saúde Mental, Crime e Justiça**. São Paulo: Edusp, 1996, pp. 149-169.

\_\_\_\_\_. **Crianças Vitimizadas: A Síndrome do Pequeno Poder. Violência Física e Sexual contra Crianças e Adolescentes**. São Paulo: Iglu, 1989.

<[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Nov. 2009.

DESLANDES, Suely Ferreira. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica: análise de um serviço. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em:

EDWARDS, V. J., ANDA, R. F., NORDENBERG, D. F, FELITTI, V. J, WILLIAMSON, D. F & WRIGHT, J. A. (2001). Bias assessment for child abuse survey: Factors affecting probability of response to a survey about childhood abuse. *Child Abuse & Neglect*, 25, 307-312. In: HABIGZANG, Luísa Fernanda. et al . Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 21, n.3, Dec.2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722005000300011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Nov. 2009.

ESBER, Karen Michel. **Pessoas que Cometeram Violência Sexual: Patologia Individual ou Questão Familiar?** Monografia de Pós-graduação em Terapia de Famílias e Casais. Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2005.

FRANCO, A. S., 1993. La Violencia, Una Realidad Social. Violencia Intrafamiliar. Medellín: Litoarte. In: ASSIS, Simone G. de. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1994000500008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1994000500008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 Nov. 2009.

FILHO, Lauro Monteiro. Abuso Sexual. Disponível em: <<http://www.abrapia.org.br/antigo/textos/Artigos/Abuso.htm>>. Acesso em: 20 de Set. de 2009.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 1989. **Crianças e Adolescentes: Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro: IBGE.

GUERRA, Viviane Nogueira Azevedo. **Violência de Pais Contra Filhos: Procuram-se Vítimas**. São Paulo: Cortez, 1985

JESUS, Núbia Angélica de. **O círculo vicioso da violência sexual: do ofendido ao ofensor**. Psicologia ciência e profissão, dez. 2006, vol.26, no.4, p.672-683.

WILLIAMS, Lucia Cavalcante de Albuquerque. Abuso sexual infantil. In: GUILHARDI, Helio. et al. **Sobre comportamento e cognição**: contribuições para a construção da teoria do comportamento. v. 10. Santo André: ESETec, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.), 1993. O Limite da Exclusão Social: Meninos e Meninas de Rua no Brasil. São Paulo: Hucitec/Rio de Janeiro: Abrasco.

MILLER, Alice. **O Drama da Criança bem Dotada**. São Paulo: Summus, 1997.

MILLER, Laura. Dificuldade de estabelecer um espaço para pensar: a terapia de uma menina de sete anos. In: RUSTIN, Margaret. et al. (orgs). **Estados psicóticos em crianças**. Rio Janeiro: Imago, 2000.

PADILHA, Maria da Graça Saldanha; GOMIDE, Paula Inês Cunha. Descrição de um processo terapêutico em grupo para adolescentes vítimas de abuso sexual. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 9, n. 1, abr. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000100007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 Nov. 2009.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ. Sistema Integrado de Bibliotecas. **Normalização de trabalhos técnico-científicos**. 2008. Disponível em: <<http://www.biblioteca.pucpr.br/sibi/normas/referencias.htm>>. Acesso em: 12 de Nov. 2009.

ROUYER, Michele. As crianças vítimas, conseqüências a curto e médio prazo. In: GABEL, Marceline (Org.), **Crianças Vítimas de Abuso Sexual** (pp. 62-90). São Paulo: Summus Editorial, 1997

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças**. São Paulo: M. Books, 2005.

SILVA, Sandra et al. **Rompendo o silêncio**: A violência sexual existe. Belém: Fundação Santa Casa de Misericórdia, 1999.

\_\_\_\_\_, **Impacto da Violência Social na Saúde Pública do Brasil: Década de 80**. São Paulo: Hucitec, 1994.

TETELBOM, Miriam Dra. **Abuso sexual de crianças e adolescentes**: mitos e fatos. Disponível em: <http://www.abuso.blogger.com.br/mitos.htm> . Acesso em 12 de Nov. de 2009.